

hyle = matéria

Hilozoísmo (do grego *hylé*, matéria, e *zoon*, coisa vivente) – Doutrina segundo a qual toda a matéria é dotada de vida. Filosoficamente, o hilozoísmo é o mais elevado aspecto do panteísmo. É a única escapatória possível do absurdo ateísmo baseado na materialidade letal e das ainda mais absurdas concepções antropomórficas dos monoteístas. Entre um e outras encontra-se em seu próprio terreno completamente neutro. (*Doutrina Secreta*, II, 167)

Himáchala (*Sânc.*) – Os montes Himalaias.

Himâdri (*Sânc.*) – Significado idêntico ao de *Himáchala*.

Himâlaya (*Sânc.*) – Literalmente, “mansão de neve”. A cadeia montanhosa do Himalaia.

Himârâti (*Sânc.*) – O fogo; o Sol.

Himavat (*Sânc.*) – Personificação dos montes Himalaia; pai do rio Ganga ou Ganges.

Himen ou Hymen (*Alq.*) – Nome que Raymond Lulle deu ao vaso único que os filósofos empregam para fazer o magistério dos Sábios.

Himsâ – Ver *Hinsâ*.

Hina (*Sânc.*) – Privado, abandonado, apartado etc.

Hînayâna (*Sânc.*) – O “Pequeno Vesculo”; Escritura e Escola dos budistas do Norte, opostas ao *Mahâyâna* ou “Grande Vesculo” do Tibet. Ambas são escolas místicas. (Ver *Mahâyâna*.) Segundo a superstição exotérica, é também a forma inferior da transmigração. [Ver *Escola Hînayâna*.]

Hindu – Natural da Índia ou do Indústão. Atualmente este nome é mais propriamente aplicado aos naturais da Índia que professam o brahmanismo, em contraposição aos maometanos.

Hinduísmo – A religião dos hindus; o brahmanismo (ver). É a religião da maior parte dos habitantes da Índia e teve seu berço no Norte da mesma. O Hinduísmo, sistema religioso e social, tem como pilares o reconhecimento da ortodoxia das Escrituras e das tradições brahmânicas, a adoração dos deuses e de suas encarnações, a observação minuciosa das regras de casta relativas ao matrimônio, à alimentação e à bebida e, finalmente, a consideração da vaca e do macaco como animais sagrados. As grandes epopéias, os *Purânas*, e o misticismo mágico dos *Tantras* embandeiraram a história do Hinduísmo, amalgama, sob o patronato da casta brahmânica, de uma confusa mistura de tradições hindus. O Brahman dos *Brahmanes*, forma neutra e impessoal do Absoluto, foi substituída por um deus, Brahma, criador. Este, por sua vez, encontra-se associado em uma Trindade (*Trimurti*) a Vishnu, conservador, e Shiva, destruidor e ao mesmo tempo engendrador da nova vida. A primeira pessoa, Brahma, raramente recebe culto especial; somente alguns poucos templos lhe são consagrados. Não é mais compreendido e, portanto, reverenciado pelo povo hindu do que o Deus-Pai pela massa de católicos. Em troca, Shiva e Vishnu não deixaram de ser populares durante muitos séculos, sendo que suas inúmeras representações plásticas contribuíram muito para isso. Grotescas ou não, isso não conta. O povo necessita ver para crer. Sendo *deus*, a forma tanto se lhe dá. Inclusive se é uma gruta, pedra, rio ou árvore, tanto faz. Atualmente o mundo religioso do hinduísmo divide-se principalmente em *vaihnava* (*vishnuitas*) e *saivas* (*shivaitas*). Estas divindades são menos reverenciadas em si mesmas do que em suas manifestações: Vishnu, em suas encarnações principais (*avataras*), Rama ou Krishna; Shiva, nas personificações femininas de suas energias (*saktis*), Parvati, Kali, Durga. Além destas divindades maiores, há nos

templos hindus uma infinidade de divindades menores, de demônios (demônios no sentido dos *daimon* gregos, isto é, divindades de categoria inferior) e de objetos sagrados adorados pelo povo. E é principalmente a eles que, na Índia e em todas as partes, voltam-se aqueles menos cultos e muito particularmente as mulheres, para lhes implorar aquilo que lhes falta. Tais templos são muito numerosos e constituem “palácios divinos”. Neles são feitas oferendas às vezes de animais (em particular de cabras negras, nos santuários de Kali). Porém, em geral, os sacrifícios são sangrentos, sobretudo aqueles oferecidos a Vishnu. As oferendas não-animais consistem em flores, frutos, folhas de certas árvores etc. O culto doméstico é simples: o homem deve, ao levantar, curvar-se para o Sol e verter um pouco de água à guisa de oferenda. Deve, além disso, inclinar-se respeitosa-mente ao passar junto ao santuário de sua aldeia, visitar, de tempos em tempos, os templos e ofertar um presente aos sacerdotes. As festas religiosas principais são as das Lâmpadas (*Dipavali*) e a do aniversário de Krishna. Rito comum a todos é o de queimar os cadáveres antes de lançar suas cinzas ao Ganges ou a algum outro rio sagrado; os demais, relativos a nascimento, esponsais e matrimônio (todo homem deve casar-se, pois só um filho poderá cumprir os últimos ritos, que auxiliarão a viagem progressiva da alma após a morte), são celebrados especialmente nas castas superiores. O da entrega da redezinha sagrada aos varões é exclusivo da casta brahmânica.

O primeiro “segredo” da religião hindu é o seguinte: que tudo quanto é (existe) – os deuses e os espíritos, a multidão de seres humanos, as forças da Natureza, todo o reino animal, as plantas, as montanhas, os bosques, os rios e os oceanos – constitui as diversas e inumeráveis partes da divindade. Panteísmo total, que veremos confirmado no *Râmâyana*, e que, por ser a essência desta religião, não mudou apesar dos séculos.

O segundo “segredo” é a doutrina, segundo a qual o mundo sensível, que nos parece tão real, não é mais que pura ilusão (a *Maya* do *Ramâyana*) e que está inevitavelmente destinado a desaparecer; apenas o *Brahmâ*, o Não-cognoscível, o Inconcebível, é imutável e eterno.

Como doutrina, os hindus têm essencialmente a crença em uma alma individual, que se reencarna no tempo inúmeras vezes, até que, purificada e livre do fardo do *karma* (de suas obras) é absorvida no Divino, no *Brahmâ*. O Hinduísmo compreende uma numerosa variedade de seitas, porém existe uma tolerância levada ao extremo, uma verdadeira fraternidade entre elas. Não há, em qualquer outra religião, crentes mais piedosos do que os hindus. Os muitos milhões que ali adoram suas divindades, fazem-no sempre inteira e profundamente. (J. B. Bergua, *Notas do Ramâyana*, pp. 706-708)

Hinnom – Ver *Gehenna*.

Hinsâ ou Himsâ (*Sânc.*) – Dano, prejuízo, ofensa, destruição, homicídio, crueldade, malevolência, desejo de prejudicar. No Aforismo XXX do 2º livro dos *Aforismos de Patañjali*, deve entender-se por *hinsâ* o desejar mal a qualquer um que seja, através de palavras, obras ou pensamentos. (M. Dvivedi, *Comentário dos citados Aforismos*).

Hinsâkarman (*Sânc.*) – Operação mágica praticada com intenção de prejudicar alguém.

Hinsâtmaka (*Sânc.*) – De natureza prejudicial ou ofensiva; cruel, daninho, ofensivo.

Hiauen Thsang (*Chin.*) – Famoso escritor e filósofo chinês, que viajou pela Índia, no séc. VI, a fim de adquirir maiores conhecimentos sobre o budismo, ao qual havia-se consagrado.

Hipatia (do grego *Hypatia*) – Jovem filósofa, que viveu em Alexandria, durante o séc. V, e ensinou a mais de um homem célebre, inclusive, dentre outros, ao bispo